



## Maria Simas ÍCONE DA MEMÓRIA COLETIVA FAIALENSE



Luís Garcia  
Presidente do Parlamento dos Açores



Em 15 de julho de 2023 a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores realizou uma sessão de homenagem à Professora Maria Simas, sob o tema “*Evocação da sua Memória*”. Cinco anos depois da partida de Maria Simas, é tempo de refletir de forma mais aprofundada sobre o seu legado. Assim foi apresentada a sessão. E quiz o anfitrião, o Presidente do Parlamento açoreano, acrescentar valor simbólico a esta iniciativa. Reservou-lhe a 1.ª sessão pública na Biblioteca Álvaro Monjardino, lembrando que a ação de Maria Simas em vida foi marcante para todos quantos a conheceram, e com ela aprenderam, e continua a ser inspiradora para as gerações seguintes. É, portanto, mais do que justo que sejamos capazes de manter viva a sua memória e perpetuar o seu nome no tempo!

Foi uma sessão diferente. No contexto e nos objetivos. As exigências traçadas impuseram a pesquisa das anteriores homenagens para que nesta fosse encontrada a mais valia pretendida. Estavam em causa dois grandes propósitos – a atualização dos motivos de memória e a atenção para a organização de antídotos ao esquecimento.

Assim, seria dado sentido à construção do futuro da memória de Maria Simas. Um novo desígnio. Para tanto foi apresentado um instrumento de referência. A primeira obra com depoimentos e outros trabalhos sobre Maria Simas (40 contributos, a grande maioria originais, poucos repetindo ou reformulando textos anteriores).

Era também importante dispor de uma análise crítica ao trabalho que vinha sendo realizado. Quanto a fontes, conceitos e metodologia. Convidada a Professora Rosa Maria Goulart para este encargo, trouxe ao longo da sua conferência – *Uma homenagem em vários tons* – um trabalho fundamentado na sua especialidade (Teoria da Literatura), um contributo de inestimável valor para a reavaliação dos horizontes de memória. Numa síntese brilhante conciliou o domínio teórico dos géneros literários aplicáveis às expressões de pendor memorialista e a empatia que a liga à memória da homenageada. As reorientações sugeridas permitem augurar progressos na memória de Maria Simas (embora sejam raros os *fragmentos da história de vida* e o exercício do discurso memorial).

Esta sessão trouxe ainda o apelo ao acesso a *up-gradings* curriculares. Além da proposta da integração de Maria Simas na toponímia do Faial (em curso), a atenção foi dirigida aos “Anais do Município da Horta”, ao “Dicionário dos Educadores Portugueses” e a uma obra (possível) sobre a História da Educação circunscrita aos Açores.

É digna de registo a convicção transmitida pelo Presidente do Município da Horta ao manifestar a adesão institucional a grandes princípios do pensamento de Maria Simas. Disse a este respeito: *Muitas das medidas que o Município vem tomando estão em sintonia com a visão eclética e inovadora que Maria Simas tinha da Educação como elevador social.*

Finalmente: Existe um ponto comum entre os legados de todas as homenagens que já foram dedicadas à Memória de Maria Simas. Um grande pressuposto. Uma plataforma de acolhimento que facilitou e facilita tudo o que vier a seguir. É o facto de sabermos que quando chegámos, Ela já tinha acedido, já fazia parte, da Memória coletiva do Faial.

Nota – Este texto reporta-se a um dos maiores projetos da AAALH – Memórias Biográficas – neste caso dedicado à Professora Maria Simas (sócia n.º 122) que teve já várias fases, algumas ainda em vida da Professora. A parte a que se refere o presente artigo resume o que mereceu o acolhimento do Presidente da ALRAA, originando o apoio à produção do livro, o convite à Professora Rosa Maria Goulart e a organização da sessão de 15/7/2023. À família de Maria Simas, em especial ao seu filho Carlos Mesquita se deve grande apoio à preparação e produção do livro.



Rosa Maria Goulart – Professora  
Catedrática de Teoria da Literatura



Carlos Ferreira  
Presidente do Município da Horta

## REAGIR À AMNÉSIA DE UM TEMPO ESPECIAL



O aparecimento de mais uma obra sobre memórias do tempo do Liceu não nos pode deixar indiferentes. Pelo exemplo que representa. E pelo valor da preservação das singularidades que sustentam o conceito e o espírito de geração. A relevância desta iniciativa reside no facto de ser uma marca forte que um grupo de Antigos Alunos (1972) quis deixar da sua festa do cinquentenário do adeus ao Liceu. Uma obra erguida a partir de um colectivo histórico abrigando identidades que lhe dão sentido próprio. E autonomia de pensamento e sentimento.

O registo e a reflexão sobre mais esta abordagem às memórias que resistem é uma mais-valia para a linha de manifestações que, de longa data, reclamam a saudade desse tempo especial. Porque estas memórias transportam o orgulho e, mesmo, a consciência do privilégio da frequência do Liceu num tempo desigual no acesso a esse poderoso *império do meio*. Por isso, as memórias desse tempo não poderão esvaír-se em amnésias por falta de convicção no valor do seu alcance. Explicam muito desse tempo de vida, crucial na intimidade e na socialização. E evocam o lugar cativo que os AA's do Liceu detêm em mais este capítulo da insularidade na História dos Açores.

O diálogo memória-esquecimento à volta do tempo do Liceu já garantiu passos expressivos na definição de identidades inspiradas num certo passado. Passado com rasto. Que ficou. Afirmando-se como memória. E que poderá ascender a património. Se continuarmos a valorizar os vínculos das memórias desse *tempo especial*.

# Começou há 130 anos com o cabo Lisboa-Horta A HISTÓRIA DO NOSSO CABO SUBMARINO

## ONDE ESTÁ O NOSSO CABO SUBMARINO?

- \* O *nosso* cabo submarino está numa das mais intensas memórias do tempo do Liceu. Fez-nos sonhar com um bom emprego! *Internacional*. Logo que terminado o Liceu. Tantos foram os que seguiram este desígnio de vida.
- \* O *nosso* cabo submarino está no orgulho que nos trouxe. *Impensável*. A importância mundial do Faial nas redes das comunicações telegráficas intercontinentais.
- \* O *nosso* cabo submarino está também na convicção da sua importância na História da Humanidade. Memória que merece a lucidez e o carinho da sua preservação em suporte museológico *in situ*.

## CMH INICIA NOVO TEMPO DE ATENÇÃO À MEMÓRIA DO CABO SUBMARINO



Carlos Ferreira  
Presidente do Município da Horta



John Ross  
Grupo dos Amigos



Duarte Nuno Chaves  
Diretor Regional da Cultura



Margarida Barreto  
Diretora do Museu da Horta



Assinalar os 120 anos do 1.º cabo (2013) foi uma iniciativa que correu bem. A continuidade desta evocação seria um desígnio a prosseguir. Assim aconteceu agora nos 130 anos. A propósito desta efeméride surgiu a oportunidade para convidar a CMH a aderir ao movimento *Horta dos Cabos Submarinos*. O Presidente da Câmara aceitou a parceria com a ANACOM e com a AAALH. Franqueou o Salão Nobre dos Paços do Concelho para a celebração (23/9/2023). A Câmara organizou a sessão comemorativa. Na intervenção de abertura Carlos Ferreira afirmou a importância desse tempo na História do Faial. E confirmou que acompanharia com interesse e expectativa os efeitos do anúncio em Diário da República pelo Governo Regional para a realização do projeto de execução.

Na apresentação da sessão, a AAALH/Grupo de Amigos apelou à tomada de consciência das diferenças nestes 10 anos. Por um lado, a *conquista* de condições objetivas para os avanços *da luz ao fundo do túnel*. Por outro, o expressivo desaparecimento de condições humanas essenciais. A dos guardiões da memória.

Introduzido o arco histórico da estrutura da sessão. Recordando o passado, atualizando o presente e projetando as redes de cabo submarino nos Açores.

Algumas reflexões sobre os objetivos da sessão:

- **John Ross** foi recebido com a alusão à maior obra que nos deixou. Um *ex-libris* da História do cabo telegráfico no Faial (ver página 3). Deu uma *lição* sobre a história que o museu deve contar. Uma repetição sem repetição! Do mesmo legado. Mas *oferecido* a novos destinatários.

- **Duarte Chaves**, Diretor Regional da Cultura, trouxe o seu pensamento avisado e competente. Traçou orientações. Que resgataram atrasos e outras inércias de tempos anteriores. Assumiu a presença do Governo num balanço público. Garantiu confiança à nova equipa que designou. Deixou esperança credível.

- **Margarida Barreto**, Diretora do Museu da Horta, em missão recente neste projeto, manifestou a mudança no espírito de trabalho. Agora em equipa. Para a Sociedade terá ficado a ideia de que, afinal, o museu *está mesmo a andar*. Mas há ainda omissões (no Faial e não só). E sabe bem que o contrato com o *consórcio* projetista já fez um ano!

- **Pedro Nunes Garcia**, Arquiteto Coordenador do projeto, indiciou adesão à *escola de pensamento* em que a *ditadura do novo* não deve fazer submergir o sentido original da autoria (da estrutura à cor). Criou expectativas. E confiança no rumo. O edifício será uma marca no espaço global dos 4 *campus* históricos. E, mais depressa, passa pelo *dono da obra*.

- **João Beleza Vaz**, Delegado da ANACOM, afirmou uma profunda cultura dos tempos do cabo submarino. Implicado no curto prazo, não se distraiu do passado do cabo. Quanto aos momentos tecnológicos. Ou às exigências geo-estratégicas. As imagens que informaram o seu pensamento levam-nos a perceber que *a história de facto se repete* na importância dos Açores nas redes do cabo submarino.



Pedro Nunes Garcia  
Arquiteto Coordenador do projecto



João Beleza Vaz  
Delegado da ANACOM nos Açores

### CABO SUBMARINO TELEGRÁFICO UM PATRIMÓNIO DO FAIAL HÁ 130 ANOS



**Sessão Evocativa**  
Salão Nobre da Câmara Municipal da Horta  
23 de Setembro de 2023 - 18.00 H

O SONHO DE UM MUSEU.  
MEMÓRIAS E HISTÓRIA  
John Ross  
Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos

CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DO CABO  
SUBMARINO EM PORTUGAL  
José Vilela

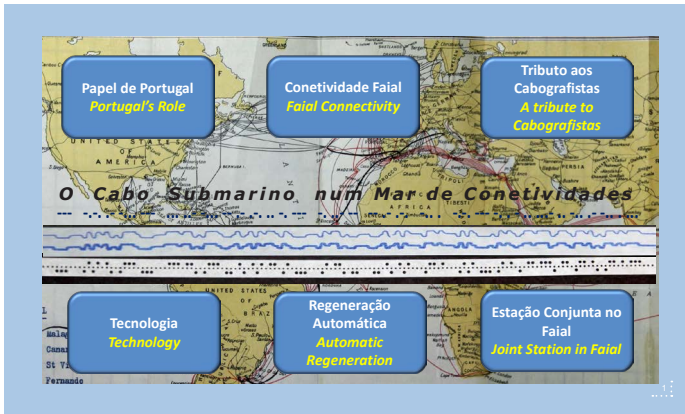
CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROJETOS DE  
EXECUÇÃO, REABILITAÇÃO E MUSEOGRAFIA  
PARA A CRIAÇÃO DO NÚCLEO MUSEOLÓGICO  
DO MUSEU DA HORTA DOS CABOS SUBMARINOS.  
Direcção Regional dos Assuntos Culturais  
Museu da Horta

A HISTÓRIA REPETE-SE...  
A IMPORTÂNCIA DOS AÇORES NA REDE  
INTERNACIONAL DO CABO SUBMARINO  
João Beleza Vaz - ANACOM/Açores



# A HISTÓRIA DO NOSSO CABO SUBMARINO (Cont.)

## UMA MEMÓRIA NOTÁVEL



Na sessão de 23/9/23 (CMH, 130 anos do 1.º cabo) foi recordado o mais importante trabalho de pesquisa de memórias e de registos históricos sobre o tempo do cabo telegráfico no Faial. Foi seu autor John Ross e foi elaborado a convite da Fundação Portuguesa das Comunicações/ANACOM, através do Engenheiro Morais de Oliveira, Comissário da exposição *O Cabo Submarino num mar de conetividades*, comemorativa dos 150 anos da União Internacional das Telecomunicações (2015). Este trabalho constituiu uma das referências fundamentais para a proposta do museu do cabo submarino do Faial apresentadas ao Governo Regional (anterior e atual).

Informa-se que este trabalho pode ser consultado, transcrito ou divulgado a partir do Site da AAALH: Projetos – A exposição *O Cabo Submarino num mar de conetividades*, o estudo de John Ross.

## A OBRA QUE ESTAVA A FAZER FALTA



A obra *Cronologia da História do Cabo Submarino em Portugal* marcou a sessão dos 130 anos do 1.º cabo nos Açores. Uma oportuna mais valia para quem pretenda aprofundar a história do cabo submarino. Nos seus tempos, nas suas evoluções tecnológicas ou nas circunstâncias da sua história. Preencheu uma lacuna editorial. Uma pesquisa de grande intensidade. Um apoio sólido. Na profusão das fontes documentais e na relevância das entidades a que recorreu. O interesse desta investigação percebe-se também no rigor da matéria *extraída* das fontes para *iluminar* cada data. E o aval sobre a utilidade deste trabalho terá certamente atingido *valor de referência* por a entidade reguladora das Comunicações, a ANACOM, ter apoiado na íntegra a produção do livro.

O Autor, José Vilela, Historiador das Comunicações, foi a pessoa certa para levar a *carta a Garcia*. Pela experiência do percurso de vida nas instituições maiores nesta área. Sempre confrontado com estudos, funções e participações que atestam o valor das suas características pessoais para este tipo de investigação.



José Vilela



José Vilela

Esta obra foi editada pela AAALH/ Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos

# OS PIONEIROS DO MUSEU DO CABO SUBMARINO

## IN MEMORIAM DE MANUEL NEVES, FILOMENO BICUDO E CARLOS SILVEIRA



Esta é uma fotografia histórica. Evoca os primórdios do Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos (1/8/2009). Foto de Katia Neves. No museu da Horta. Da esq. p/ a dir.: Tomás Saldanha, José Silveira, Manuel Neves, Carlos Dutra, Fernando Morison, Carlos Silveira (H. Barreiros da Direção da AAALH) e Filomeno Bicudo. Faziam também parte do Grupo: Jorge Lima, Jorge Menezes, Manuel Paulino e Mário Baptista. Recordam-se os membros que nos deixaram durante este ano.



**MANUEL GARCIA NEVES** (3.º à esquerda na foto). Natural do Faial (1936-2023). Antigo Aluno (1946). Ingressou na Cable & Wireless com 16 anos. Realizou formação técnica em Inglaterra (Porthcurno) nos sistemas de engenharia de transmissão submarina da C&W. Optou por novas opções de vida na Alemanha e no Canadá, acedendo também a outras competências profissionais. Regressado ao Faial dedicou-se à atividade empresarial. Ocupou posições de destaque, sendo de relevar a Presidência da Câmara de Comércio e Indústria da Horta. Presente desde a primeira hora no movimento pro-Grupo de Amigos da Horta dos Cabos Submarinos, participou na primeira reunião de Amigos onde foi analisado o interesse de recuperar os equipamentos que restavam do tempo das companhias de cabo submarino. Daí partiu a ideia para o projeto do museu. Já no Grupo de Amigos teve participação ativa na cedência de equipamentos que seguiram para a exposição em Lisboa comemorativa dos 150 anos da UIT(2015).



**FILOMENO SALEMA BICUDO** (1.º à direita na foto). Natural do Faial (1932-2023). Antigo Aluno (1945). Ingressou na Cable & Wireless com 16 anos. Realizou formação especializada em Inglaterra (Porthcurno) para técnico de engenharia de sistemas de transmissão submarina. Trabalhou na estação de Carcavelos da C&W. Transitou para a Companhia Rádio Marconi (maioritariamente detida pela C&W). Terminou a sua carreira em Ponta Delgada na mesma empresa. Participou desde o início nas atividades do Grupo dos Amigos. Era o membro mais antigo. Fez parte da mesa de honra na sessão dos 120 anos (2013) e na sessão dos 10 anos do Grupo de Amigos (2019).



**CARLOS MANUEL RAMOS DA SILVEIRA** (3.º à direita na foto). Natural do Faial (1932-2023). Antigo Aluno (1944). Em 1957 ingressou na Western Union. Em 1962 concorreu ao Banco de Portugal, de onde se aposentou como Gerente (1993). Dedicou especial interesse pela pesquisa histórica sobre o tempo das companhias de cabo submarino no Faial e sobre outros tempos marcantes da comunicação aérea. Foi o único cabografista faialense de que se conhecem pesquisas que deram origem a publicações de referência. Publicou com a chancela do Núcleo Cultural da Horta *A Horta dos Cabos Submarinos e outras histórias faialenses*, obra citada no Guia de Fontes Documentais de Comunicações, FPC. Teve uma expressiva participação cultural na sociedade faialense quer no campo editorial, quer participando em colóquios, conferências e outras colaborações na comunicação social. De notar ter sido o orador convidado para sessão comemorativa dos 80 anos da Rádio Naval da Horta (a mais antiga dos Açores). Foi elemento influente no lançamento e organização da AAALH, muito ativo na UniSénior e no Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos desde o seu início, em geral e em todos os colóquios de 2009 a 2013, com apresentação de trabalhos de investigação histórica.

# IN MEMORIAM



**Rui Manuel da Costa Simões Pinto**, natural do Faial (1944-2023), antigo aluno do Liceu da Horta (1954-1961). Licenciado em Engenharia Civil e Minas. Integrou a Direção de Obras Públicas da Horta. Casou com Maria de Fátima Pinheiro Gonçalves Capaz. Tiveram 3 filhos, Paulo, João e Ana. A paixão pelo Teatro atravessou toda a sua vida. Uma marca da família que continuou e transmitiu. Pedimos a um Senhor do Teatro, Victor Rui Dores, que evocasse o *tempo e o modo* das suas memórias com o Rui Simões.

## RUI SIMÕES, UM ATOR IMENSO

Mantive uma longa relação de amizade (selada no riso), de camaradagem e de outras cumplicidades com Rui Simões. Sempre nele apreciei a agudeza de espírito, o sentido crítico, o humor requintado, a ironia inteligente...

Tive o privilégio de contracenar com este faialense nos seguintes trabalhos cénicos do grupo “Carrocel”, escritos e encenados por Sérgio Luís Paixão, e que, levados à cena no Teatro Faialense, conheceram assinalável êxito: *Crises, Canhoto* (2005) – teatro de revista; *Vamos na Fita!* (2006) – teatro de revista; *A Ver Vamos* (2007) – revista de ficção humorística; *Dinheiro Puxa Dinheiro* (2008) – comédia musical; *4 Contos de Café* (2009) – comédia; *Ó Zé, Põe-te Em Pé!* (2010) – teatro de revista; *Homenagem a Sérgio Luís* (2015); *Revisitações* (2017) – *best off* das peças acima descritas.

Rui Simões foi, sem dúvida, um grande ator, notabilizando-se no registo da comédia, ele que sempre se assumiu herdeiro de uma geração de grandes encenadores faialenses (António Batista, Constantino do Amaral, Júlio de Andrade, Joaquim Viana, José Silva Peixoto, Amílcar Goulart, entre outros), tendo sido discípulo de ilustres atores amadores: seu pai, António Simões, José Teles, Raul Barata, Francisco Ribeiro, Carlos Ramos, José Cunha de Lacerda, Estela Serafim, Maria Leandro, Irene Pinho, Teresa Rodrigues, Mário Frayão, Manuela Martins, Berta Simária, entre muitos outros. Fez parte de

vários grupos de teatro, com destaque para o grupo “Renascer”, mas os olhos brilhavam-lhe quando falava de três revistas de comédia que o marcaram e em que, muito jovem, participou: “A Horta do Clipper”, do tenente Horácio Saloio; “A terra da coisa rara”, de Júlio Andrade e Amílcar Goulart; e “Queres é tacho”, de Mário Frayão.

Diz-se, e parece que com fundamento, que quando numa comunidade o teatro existe é porque essa comunidade está viva. O contrário é mau sinal. O teatro na ilha do Faial sempre esteve ativo. E Rui Simões esteve sempre na linha da frente do que por cá se ia fazendo em termos cénicos. E também cinematográficos, pois que participou em dois filmes rodados por António Nogueira: “O milhafre e a avezinha” com texto de Amílcar Goulart; e “O pequeno emigrante e o seu sonho”, a partir de um conto de Armando Amaral.

Rui Simões esteve ligado ao grupo **Te.Hor**, criado por António Duarte, que fez representar, pela primeira vez no Faial, autores como Ionesco (*A cantora careca*), Jean Anouilh (*O ensaio*), Eugene O’Neill (*O Óleo*) e Brecht (*A exceção e a regra*). Foi o **Te.Hor** que trouxe a modernidade ao Faial e a liberdade trazida pelo 25 de Abril de 1974.

Entre 2005 e 2017 Rui Simões integrou o grupo de teatro “Carrocel”, sempre com brilhantes (e hilariantes) prestações. Ele nunca faltou às estreias do grupo de teatro “Sortes à Ventura”, da Escola Secundária Manuel de Arriaga e pelo qual o autor destas linhas é responsável, de forma ininterrupta, há 37 anos. E esteve sempre atento à contemporaneidade das peças do “Teatro de Giz”.


Quero também aqui destacar a excelente participação de Rui Simões, na pele da personagem Pretextato, na série televisiva “Mau Tempo no Canal”, de Vitorino Nemésio, com realização de José Medeiros. Participou também em várias curtas-metragens de Sérgio Luís Paixão. E, em qualquer lugar e circunstância, era um fartote de rir estar junto dele.

É efémera a existência humana, sabemos-lo bem. Mas perder um amigo como o Rui Simões dói muito e deixa-nos bem mais empobrecidos. Sabemos e sentimos que ele continua vivo dentro de nós. Mas como calar esta imensa dor e esta irreparável saudade?

*Victor Rui Dores*

## DESTAQUES

### (RE)ENCONTRO 50 ANOS DEPOIS


 O livro, com 230 páginas, celebra o reencontro dos finalistas do Liceu da Horta de 1972 e é um hino às memórias, à amizade e ao direito à diferença individual na unidade do grupo, 50 anos depois.

Organizado por Alzira Silva, Eugénio Leal, Evaristo Rosa e Fátima Porto, a sua capa e badanas anunciam, pelas citações, um dos objetivos do trabalho: “Precisamos de variedade na unidade; não a unidade da organização, mas a unidade da natureza” (T. S. Eliot). A unidade da natureza é o ser humano – e esta humanidade manteve o grupo atento às suas diferenças e ao que devia ser preservado: “Com os amigos construímos uma história que é sagrada, mesmo se a nossos olhos parece feita de coisas simples e muito humanas” (José Tolentino Mendonça).


O livro é constituído por 4 capítulos, prefácio e posfácio. A ausência da publicação é assumida como “um repositório de emoções, lembranças e imagens”, captando memórias, não apenas dos alunos, mas das agruras da insularidade de então, o perfume e o poder do sentido de pertença, refletindo a mobilidade, a geografia, a história e a identidade que enformou a vida na ilha no início dos anos 70. Os antigos alunos retratam-se em 52 notas biográficas, ao gosto de cada um, caricaturas, curiosidades do grupo, recordações e brincadeiras, referindo também os professores, intervenções constantes do intitulado programa de ouro, rico em atividades culturais – do teatro à poesia – e recreativas.

Uma notável iniciativa que desafia futuras ações reunindo recortes do passado para memória futura do estabelecimento de ensino onde crescemos e da ilha que engrandeceu com ele.

### ENVELHECIMENTO ATIVO

 O Dr. Jorge Gonçalves é uma referência na sociedade faialense de participação cívica em diferentes espaços sociais, políticos e associativos. Com a mesma atitude é também conhecida a sua participação como membro *ativo* da Universidade Sénior (UniSénior) – entusiasta deste projeto lançado pela AAALH em 2008. Por tudo isto, foi com o maior apreço que soubemos da distinção que lhe foi atribuída pela Sociedade de Psicogerontologia com o Prémio de Envelhecimento Ativo na modalidade *Ética e Saúde* (ref. Crónica do Semanário Tribuna das Ilhas de 27/10/2023). A este propósito recordamos as duas últimas participações assumidas pelo Dr. Jorge Gonçalves que marcaram a História da AAALH. Em 2021 foi Presidente da Comissão Pro Memória do Professor Frederico Machado e, em 2022, aceitou ser o Orador convidado na sessão comemorativa dos 25 anos da Associação. Proferiu uma conferência sobre a cidade da Horta do seu tempo do Liceu (década de 40 do séc XX).

### 30 ANOS DE FILATELIA

 O Clube de Filatelia “O Ilhéu” conseguiu uma longa vida. Está de parabéns o seu grande mentor, o Doutor Carlos Lobão. Os indicadores do Ilhéu nestes 30 anos exigem uma mensagem de apreço à ESMA. Porque assegurou sempre que a História se repita. Também na formação livre. Com a comunidade por perto. E com mais cultura.

**Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta**

Estrada Regional, n.º 1 - Piso 0 - Santa Bárbara - 9900-045 HORTA

Mail: [aaaliceudahorta@gmail.com](mailto:aaaliceudahorta@gmail.com) | <http://www.aaalh.com>